

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONAL
6 e 26 de Fevereiro de 2025

MALADIE / 1978

Um filme de Paul Vecchiali

Realização, Argumento, Texto, Montagem: Paul Vecchiali / Direcção de Fotografia: Georges Strouvé / Música: Roland Vincent / Som: Jean-François Chevalier / Com: Paul Vecchiali

Produção: Diagonale / Produtor: Paul Vecchiali / Cópia: 35mm, colorida e preto e branco, com legendas electrónicas em português / Duração: 11 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Maladie é apresentado com La Machine, 1977, 96 minutos (em Ficheiro Digital, “folha” distribuído em separado).

Páginas arrancadas ao diário de um moribundo. É preciso que dizer que a doença – a desordem física e mental – não é um tema estranho ao universo cinematográfico de Paul Vecchiali, nem num sentido abstracto, digamos, simbólico ou metafórico, nem num sentido muito preciso e rigorosamente definido (lembramos aqui o fabuloso **Encore – Once More**, que no final dos anos 1980 foi dos primeiros filmes a encarar, com muito *pathos* e muita coragem lírica, a epidemia de Sida, que tinha nos círculos artísticos e intelectuais parisienses um campo de acção particularmente devastador). Em **Maladie** – título mais *preciso* seria impossível – a questão encontra uma forma de ser pessoal, e portanto familiar em todos os sentidos da palavra, a partir do momento em que se percebe que o diário de doença (entradas curtas, abreviadas, e no entanto extremamente detalhadas) que o próprio realizador lê enquanto filme as páginas e a caligrafia do autor pertence ao próprio pai de Vecchiali. É a história da sua doença, é a história da sua morte, e essas duas histórias são recebidas em legado por Vecchiali – como que uma parte da herança paterna, que este filme é uma forma de honrar.

Maladie, não “mort”, embora esse seja o destino. Dos primeiros sintomas (os ataques de asma em 1952) à estocada final (os tratamentos com cobalto a um cancro nasofaríngeo), a própria terminologia médica, desafectada (mas não desprovida de desabafos e apontamentos pessoais, normalmente bruscos como aguaceiros), do texto lido por Vecchiali predispõe-se a ser tomado como a descrição de uma engrenagem, *la machine* da morte. A brutal objectividade do filme e do relato correspondem ao motor da engrenagem, num mecanismo temperado por discretas, púdicas, demonstrações de afecto e proximidade (as fotos do pai Vecchiali, que corresponderão também a memórias de infância e juventude).

Há aquela historinha de Tolstoi, monumento inultrapassável de uma literatura da doença, *A Morte de Ivan Ilyich*. No cinema, o mais próximo disso é, se calhar, **Maladie**.

Luís Miguel Oliveira